



ALINE SEICERA

JULIUS EVOLA E O FASCISMO:

O PENSAMENTO E A INFLUÊNCIA DE JULIUS EVOLA NO SÉCULO XX

Rio de Janeiro

2018

JULIUS EVOLA E O FASCISMO: O PENSAMENTO E A INFLUÊNCIA DE JULIUS EVOLA NO
SÉCULO XX

ALINE SEICERA

Instituto de História/ CFCH

Bacharelado em História

Nome do Orientador

Mestre

Rio de Janeiro

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

JULIUS EVOLA E O FASCISMO: O PENSAMENTO E A INFLUÊNCIA DE JULIUS EVOLA NO
SÉCULO XX

ALINE SEICERA

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada por:

Prof. _____ - Orientador

Titulação

Prof. _____

Titulação

Prof. _____

Titulação

Rio de Janeiro

2018

RESUMO

SEICERA, Aline. **JULIUS EVOLA E O FASCISMO: O PENSAMENTO E A INFLUÊNCIA DE JULIUS EVOLA NO SÉCULO XX**. Orientador (a): Ricardo Figueiredo de Castro. Rio de Janeiro: UFRJ / IH / Instituto de História; órgão financiador, 2016. Monografia (Bacharelado em História).

O presente trabalho tem como objetivo abordar a vida de Julius Evola, com ênfase a sua trajetória de vida e sua influência em movimentos autoritários. Para embasar este trabalho, será considerado o regime político fascista nascido na Itália após a primeira grande guerra (1914-1918), ascensão e declínio deste modelo político singular, e o ressurgimento do fascismo enquanto movimento político-social após a segunda grande guerra (1939-1945). Em todas essas fases há a participação direta de Julius Evola. O desenvolvimento ideológico e intelectual de Julius Evola é o cerne desta pesquisa. Intelectuais fascistas foram largamente esquecidos no período pós-guerra, porém imerge um grande interesse nas ideias de Evola após 1945. Julius tornou-se um ícone para aqueles pertencentes a novos círculos de movimentos autointitulados de neofascistas durante a década de 1970.

Palavras – Chaves: Tradição. Julius Evola. Fascismo. Esoterismo. Século XX

ABSTRACT

SEICERA, Aline. **THE DEFENSE OF TRADITION BY JULIUS EVOLA**. Advisor: Ricardo Figueiredo de Castro. Rio de Janeiro: UFRJ / IH / Institute of History; Funding body, 2016. Monograph (Bachelor of History).

The present work aims to address the life of Julius Evola, with emphasis on his life trajectory and his influence on authoritarian movements. To support this work, the fascist political regime born in Italy after the first great war (1914-1918), the rise and fall of this unique political model, and the resurgence of fascism as a political and social movement after the Second Great War (1939 -1945). In all these phases there is the direct participation of Julius Evola. The ideological and intellectual development of Julius Evola is at the heart of this research. Fascist intellectuals were largely forgotten in the postwar period, but immense interest in Evola's ideas ensued after 1945. Julius became an icon for those belonging to new circles of self-styled fascist movements during the 1970s.

Key words: Tradition. Julius Evola. Fascism. Esotericism. 20th century

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. O FASCISMO	10
2.1 O FASCISMO ITALIANO SOBRE A ÉGIDE DE BENITO MUSSOLINI	11
2.2 A BASE IDEOLÓGICA DO FASCISMO: O TRADICIONALISMO E O RACISMO	15
3. A VIDA E OBRA DE JULIUS EVOLA	12
3.2.A PERSONALIDADE DE EVOLA EM SUAS OBRAS	21
4. A POLÍTICA ITALIANA NO PÓS-GUERRA E AS IDEIAS DE EVOLA	39
4.2 A INTERPRETAÇÃO DE EVOLA DO FASCISMO COMO DIREITO TRADICIONAL.....	39
4.3 DISCURSO FASCISTA DE JULIUS EVOLA E SUA INFLUÊNCIA.....	42
5. CONCLUSÃO	46
6. FONTES	48
6.1 Artigos	48
6.2 Sítios da Internet	49
7. BIBLIOGRAFIA	52

1. INTRODUÇÃO

Julius Evola foi um crítico da modernidade. Suas ideias influenciaram o primeiro movimento fascista na Itália governada por Benito Mussolini e permaneceu influenciando o novo movimento neonazista que ressurgiu na Itália na década de 70. Para encaminhar este trabalho, primeiro momento é reconhecer o regime político fascista nascido na Itália após a primeira grande guerra (1914-1918), a fase de crescimento do fascismo de Mussolini e a consolidação do regime autoritário, o declínio do movimento na Europa e o ressurgimento do fascismo enquanto movimento político e social após a segunda grande guerra mundial (1939-1945). Biografia histórica será utilizada como metodologia analítica do passado, pois visa entender as fases da vida de Julius Evola com o propósito de compreender o contexto histórico¹, por tanto, através da narrativa de vida de Julius Evola apresentaremos a relação com o processo histórico que deu origem e continuidade ao fascismo, apesar do declínio do governo de Mussolini.

O autor Roberto Paxton (2007: 36) analisa o fascismo como “*uma série de processos que se desenrolam ao longo do tempo, e não como expressões de uma essência fixa*”. As ações dos indivíduos que tiveram um papel de destaque nos movimentos fascistas é o foco da pesquisa de Paxton e que servirá de base para este estudo. O desenvolvimento ideológico, intelectual e a vivência de Julius Evola é cerne esta pesquisa, assim como será possível constatar as modificações e rupturas com o surgimento do neofascismo. O movimento chamado de neofascismo com certas semelhanças ao movimento fascista tradicional, porém com peculiaridades adicionadas ao novo contexto histórico e novos atores, especificamente a juventude que cresceu após a segunda grande guerra mundial. Ao contrário de outros intelectuais fascistas proeminentes que foram largamente esquecidos no período pós-guerra, cresce um grande interesse coletivo nas ideias de Julius Evola após 1945. Evola tornou-se um ícone para aqueles pertencentes a círculos neofascistas durante a década de 1970. A popularidade de Evola é contínua, a bibliografia escrita por ele atraiu muitos jovens. Rumores que entre 1969 e 1980, por volta de 2.000 homicídios foram associados à disputa política. O debate posterior gira em torno da responsabilidade das ideias de Evola na prática de ações terroristas perpetrados por grupos de extrema-direita na Itália

¹ ALMEIDA, Francisco Alves. Biografia e o ofício do historiador. Dimensões, vol. 32, 2014, p. 292-313. ISSN: 2179-8869

entre 1969 e 1980. Atentados, assassinatos, guerra de rua entre facções, crimes violentos foram ligados ao ressurgimento de grupos contra imigrantes e neofascistas, que tornaram popular dos livros de Evola. A filosofia de Evola foi vista como a inspiração para o terrorismo italiano da direita radical dos anos 1970, por Evola ser comprometido com uma crítica ao mundo moderno, não há dúvidas de que as obras de Evola foram saudadas nos grupos da extrema-direita na Itália e em outras partes do mundo, especialmente na Rússia e na Europa Oriental. Evola expressa o novo contexto político da Itália do pós-guerra, os escritos de Evola do final dos anos 1940 e início dos anos 1950 representam, portanto, um momento crucial no desenvolvimento do novo formato da ideologia fascista. Como tal, eles marcam o ponto de partida ideológica de um ressurgimento do fenômeno político do neofascismo no pós-guerra.

Evola é o principal pensador esotérico antimoderno em virtude da obra *Revolta contra o Mundo Moderno*, que é grande referência para a nova direita. Muitos conheceram o pensamento *evolado* por meio de traduções de obras em páginas a respeito, tais como *Sol Negro*, de Nicholas Goodrick-Clarke, e *Elogio da Tradição*, de Marcello Veneziani. Julius Evola exerceu influência sobre dois filósofos brasileiros: Vicente Ferreira da Silva e Heraldo Barbuy. A influência de Evola aparece também no jornalista Olavo de Carvalho, que em seu livro *O jardim das aflições*, reconhece Evola como o maior escritor esotérico do século XX, ao lado de Guénon, em *A Tradição Hermética*. O livro *A doutrina do despertar* de Julius Evola, para Olavo de Carvalho, foi um dos principais livros que formaram sua visão de mundo.

O presente trabalho tem como objetivo abordar a vida de Julius Evola, tendo em vista que seu discurso ainda dialoga com o presente e com a ascensão da onda mundial conservadora. Para entender esse processo de continuidades e rupturas do fascismo, houve uma coleta de dados e análise dos mesmos com revisão bibliográfica em livros, artigos e periódicos. A fonte que se destaca no presente trabalho é Nicola Rao, que escreveu livros dedicados ao neofascismo italiano: *A chama e o Celta. Sessenta anos de neofascismo de Salò aos centros sociais direitos* de 2006, *Sangue e Celta. Das vinganças antipartidárias à estratégia de tensão. História armada do neofascismo* de 2008 e *Chumbo e Celta. Histórias de terrorismo negro. Da guerra de rua à espontaneidade armada* de 2009. Além do autor Marcos Ghio, um dos principais intelectuais que aborda o pensamento de Julius Evola. Outro autor utilizado foi Renzo De Felice, um historiador italiano considerado um dos maiores estudiosos do fascismo.

E o autor Robert Owen Paxton, com o livro Anatomia do Fascismo, com a análise mais profunda do conceito de fascismo.

No segundo capítulo será debatido o nascimento do movimento fascista italiano tendo como líder Benito Mussolini e os primórdios do movimento fascista, a instauração do regime político autoritário e o declínio.

No terceiro capítulo abordaremos a vida de Julius Evola. Vamos abordar as principais obras de Julius Evola e as bases teóricas que dialogam com a face mais radical do fascismo, será dada ênfase algumas obras de Evola.

No terceiro capítulo vamos entender mais profundamente o ressurgimento das ideias de Julius Evola após a sua morte e a relação com as práticas violentas na Itália entre 1969 e 1980. O neofascismo ganhou formas e contornos novos com a juventude que nasceu imersa ao conflito mundial bélico.

2. O FASCISMO

Fascismo surgiu como ideologia política que movimentou as grandes massas populares de partes da Europa central, sul e leste entre 1919 e 1945, e seguidores na Europa Ocidental, Estados Unidos, África do Sul, Japão, América Latina e Oriente Médio. A violenta crise econômica da década de 20 propiciou a adesão em massa aos movimentos totalitários frente ao descrédito nas instituições democráticas liberais, e o antissemitismo em voga.

Revolucionários dispostos à luta e queda do status quo, porém sem dissolução da propriedade privada, como apresenta as ideias comunistas, os fascistas propunham a resolução de problemas estruturais das primeiras décadas do século XX. O fascismo se apresentava como uma revolução, mas diferente do que já havia ocorrido na história, uma revolução que visava destruir a ordem política e implantar regras moralizantes com o usufruto da tecnologia moderna. Almejavam estrutura de sociedade tradicional, porém explorando ao máximo as vantagens da sociedade industrial, impor a coletividade sem destruir a atividade econômica. O fascismo nega os valores individuais da sociedade industrial, mas se apoia na economia determinada pelas leis do mercado, representa a forte rejeição da estrutura política existente no início do século XX. Enquanto movimento cultural com aspectos críticos e negativos da modernidade, o fascismo, por tanto, não é apenas um produto simplório da modernidade em crise, que, pode-se dizer, surgiu a partir da Revolução Francesa, negando-a. O pensamento fascista não concebe os arquétipos, baseia-se na racionalidade de pontos de vista, mas não no racionalismo filosófico com proposições e conclusões.

²TRENTO, 1993: 16

³JUNGES,1999.

2.1 O FASCISMO ITALIANO SOBRE A ÉGIDE DE BENITO MUSSOLINI

O fascismo nasceu oficialmente em março de 1919, quando Mussolini fundou o *Fascio di combattimento*, em Milão, com um programa de nacionalismo, ataque à classe liberal, republicanismo, anticlericalismo e anseios de renovação social, encarnando, assim, as posições de uma pequena burguesia irrequieta e, principalmente, dos ex combatentes²

Primeiro líder fascista da Europa, Benito Mussolini, foi utilizado como símbolo de autoridade penal na Roma antiga, embora os partidos e movimentos fascistas diferissem significativamente entre si, eles tinham muitas características em comum, incluindo extremos militaristas.



Benito Mussolini em 1917, como soldado na Primeira Guerra Mundial. Fonte: Alain Benoist

A Itália enfrentou muitos problemas no final do século 19 e início do século 20. A natureza fragmentada do país recém unificado e com grandes diferenças culturais regionais, além de disparidade de riqueza, educação e infraestrutura. Estados do Norte, como Milão e Lombardi eram ricos, enquanto grandes partes do sul da Itália ainda contaram com economias fortemente agrícolas, mas eram relativamente pobres. As taxas de alfabetização na Itália no momento eram muito menores do que no resto da Europa Ocidental.

O fascismo foi um movimento que evoluiu ao longo do tempo do moderno às posições tradicionais e socialistas e posições hierárquicas, mas nunca conseguiu para chegar ao que teria sido a melhoria global do seu passado.

² TRENTO, 1993: 16

³ JUNGES, 1999.

Tendo ocupado o Estado como uma expressão da vontade das massas, Mussolini ao longo dos anos ele terminou concebido como um elemento superior e formação da nação³

²TRENTO, 1993: 16

³JUNGES,1999.

Muito pouco foi alcançado pelo Parlamento italiano com Mussolini e o Partido Fascista. O estado fragmentado da sociedade italiana refletiu em seu governo, e, entre 1919-1922, o parlamento formado por cinco governos diferentes, sob várias coligações e partidos. Para piorar a situação, a Itália, que ficou ao lado dos aliados, foi extremamente prejudicada pelo Tratado de Versalhes, terminou a Primeira Guerra Mundial com a economia devastada.

Toda a história da Itália, mas em particular o período seguinte a Primeira Guerra Mundial, foi fundamental para o surgimento do movimento fascista. A Paz de Versalhes, ratificada em 1918, tinha como objetivo garantir a continuidade das democracias europeias, no entanto, as leis e instituições por ela criadas acabaram por espalhar o sentimento de injustiça e desigualdade entre as nações vencedoras e as vencidas.⁴

Benito Mussolini nasceu em Predappio, em 1883, filho de um ferreiro. Fugido para a Suíça para evitar ser convocado para o exército italiano, Mussolini voltou para a Itália em 1904. Em 1919 formou o Partido Fascista na Itália. O Partido Fascista de Mussolini lentamente ganhou apoio executando uma plataforma veementemente nacionalista, ganhando 35 assentos nas eleições de 1921.

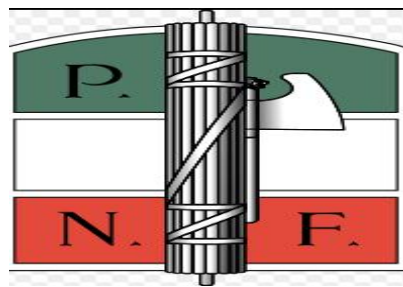
A principal característica de um governo totalitário é a facilidade com que as massas são atraídas e como seus líderes são capazes de tornar uma sociedade inteira submissa aos seus ideais. Para a autora Hannah Arendt, o totalitarismo nada mais é do que o fascínio que uma figura política, como foi o caso de Benito Mussolini, pode causar sobre uma população carente de um líder e desgastada por um governo ineficiente. Afirmar que um sistema de governo é totalitário não significa dizer que ele é ilegítimo, como aconteceu na Alemanha nazista, Mussolini foi escolhido pela maioria da população para representar o povo italiano; o totalitarismo só é possível porque, o carisma de seus líderes atrai e comanda as massas com o discurso de uma sociedade igualitária e sem classes.⁵

Blinkhorn apresenta que *”enquanto viveu, o fascismo italiano suscitou intensa controvérsia entre os europeus politicamente conscientes, em especial quando passou a*

⁴ BLINKHORN, 2010: 80.

⁵ ARENDT, 1951: 357.

ser visto como apenas o primeiro exemplo de fenômeno generalizado". Em outubro de 1922, um medo de uma revolução comunista, devido a tumultos e greves no norte da Itália, Mussolini reuniu seus seguidores fascistas e soldados partindo a pé, apelidado de camisas pretas, fizeram uma marcha sobre Roma. O rei Victor Emmanuel III delegou ao Mussolini formar um governo e restaurar a ordem para o campo. Ao longo de três anos, Mussolini desmantelou a democracia e em 1925 declarou-se ditador da Itália, levou o título "O Líder".



Logotipo do Partido Nacional Fascista. Fonte: Alain Benoist - 1921

Itália sob o fascismo era um país fortemente centralizado e controlado pelo Estado. No início do mandato, Mussolini usou os imensos poderes do Estado fascista para melhorar a Itália como programas de assistência social para ajudar os desempregados, foram instituídas ferrovias, sistemas de transporte público foram construídos ou melhorados, e a economia italiana estabilizada. No entanto aos poucos, todos os outros partidos políticos foram proibidos e a imprensa sofre uma rigorosa censura. Líderes socialistas, como Giacomo Matteotti e Giovanni Amendola, foram presos e espancados até a morte. Embora os salários subissem inicialmente sob o regime de Mussolini, em 1929, o salário médio estava abaixo do salário mínimo de 1922.

O governo fascista permeou a vida cotidiana dos italianos, alimentados em propagandas glorificando a Itália e comparando ao Império Romano, bem como na Alemanha nazista. O dever de qualquer bom italiano estar fisicamente apto e ter uma grande família que poderia ser de serviço para o Estado italiano. Obras de arte que não apresentassem a glória da Itália ou Roma foram proibidas.

A fim de propagar esses sentimentos de superioridade italiana e começar a exercer influência italiana em outros lugares, Mussolini invadiu a Abissínia, atual Etiópia, em 1935, tornando-se uma província de seu novo império italiano. Naturalmente em um estado tão nacionalista, a xenofobia era galopante e antissemitismo foi forte na Itália, tanto quanto foi na Alemanha. Em 1938, os judeus foram proibidos de serem funcionários do governo ou ser as forças armadas, a imigração de quaisquer outros judeus na Itália foi proibida. Em 1939, Mussolini e Hitler acordaram o Pacto de Aço, solidificando a aliança entre Alemanha e Itália.

Para Paxton, o fascismo pode ser definido como:

(...) uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza.⁶

2.2 A BASE IDEOLÓGICA DO FASCISMO: O TRADICIONALISMO E O RACISMO

"É o dever de mencionar que Julius Evola não só dedicada ao do estudo de manuscritos antigos mágicos, mas tomou uma atitude comprometida, que o levou até mesmo a aderir a uma sociedade esotérica chamado "Grupo de Ur", apresenta o autor Rao. Durante o período de 1927- 1929, Julius Evola vira o mago negro do fascismo que desenvolve-se em Itália um núcleo esotérico, o grupo UR. Para RAO, "a experiência do Grupo de Ur é único, e tem nenhum paralelo na história. Na verdade, é um grupo heterogêneo que tenta para apresentar diretrizes doutrinárias enquanto mostra algumas experiências em relação à mágica". Liderado pelo Barão Julius Evola, depois de afirmar que o grupo UR, nome derivado da palavra raiz puro fogo em grego, e coincide com a partícula de língua alemã significa primordial, a quem Mussolini tornara, no início, de seu assessor não oficial, Ghio apresenta que "Espera-se que tal afronta para saber convencionalmente apoiada pelo regime, que tem o nosso autor como um pensador perigoso e inconveniente". RAO conta que "embora no início do regime fascista nunca tivesse formulado como prioridade a questão da raça, apesar de sua

⁶PAXTON, 2007. P. 358-59.

crecente proximidade com a Alemanha". De 1934 a 1943, Evola também foi responsável no ano de 1934 publicação da obra *Revolta contra o Mundo Moderno*, o que o fez ser amplamente conhecido nos círculos intelectuais italianos. Além disso, o trabalho é um marco entre produções intelectuais da direita radical.

Evola lidera uma verdadeira revolta contra o mundo moderno, contra também o racionalismo filosófico e do Iluminismo, também se mostra contra a igualdade social e a democracia. Expressou uma nova, ou melhor dizer, uma velha visão do mundo pré-1789, com base no poder absoluto, castas e os valores elitistas onde o tema central é a tradição, do latim *tradere*. Por isso, o livro *Revolta contra o Mundo Moderno* contém os principais temas que caracterizam o trabalho de Evola. Rao diz que "*para Evola, a tradição é energia espiritual composta de elementos que transcendem o curso da história, ideias de autoridade, hierarquia, disciplina e ordem*", mas também de individualidade, espiritualidade e diferenciação qualitativa, ou seja, desigualdade entre pessoas ao lado da solidariedade numa sociedade que é hierarquicamente organizada. A tradição, portanto, abraça, segundo Evola, um conjunto de virtudes, honra, coragem, lealdade, obediência e sacrifício.

Evola, e aqueles posteriormente inspirados por ele, perceberam a tradição como uma categoria que permite uma interpretação do mundo. Isto contrasta fortemente com a atitude moderna permissiva e demasiada aberta à tolerância, baseada na crença de que as pessoas são iguais e merecem ser responsáveis por suas próprias vidas. Um conceito que está intimamente relacionado com a tradição imperial, mas, usado por Evola, de acordo com o significado original em latim, como sinónimo de autoridade ou a responsabilidade e o direito de governar absolutamente.

Em entrevista à revista *Junges Fórum 9*, Marcois Ghio, diretor do Centro de Estudos Evolianos, fala:

Tradição de Evola é um conceito supra-histórico, supra racial (em um sentido biológico) e supra religioso como coincide com o início da unidade transcendente das grandes religiões. Em relação à linha comunista nacional Dugin não só não o "urso" (como indicado aqui diria ação), mas o mesmo Evola quer o furo e, eventualmente criticadas posições semelhantes como aqueles em seu tempo queria para reclamar suas mesmas linhas para a figura de Mao Zedong. Dugin é positivo na medida em que ele está ciente desta diferença que tem com Evola e foi contratado para criticar. O pior acontece

com aqueles que buscam a incluir Evola em alguns desses desvios da sua própria doutrina.⁷

Nos escritos de Evola, a noção moderna de história como um linear processo de decadência. A crença de Evola era de que o mundo, depois de milhares de anos de decadência, estava à beira de um barranco, ou seja, uma perda gradual da relação de poder e autoridade. Essa perda gradual de respeito, segundo Evola, começou quando um sistema estatal baseado em hierarquia foi substituído por um sistema estatal baseado em contrato. Este desenvolvimento surgiu nas cidades livres do norte da Itália, continuou durante a reforma, foi confirmado pela Revolução Francesa em 1789, pela a Revolução de 1848 e a Revolução Russa em 1917, e acabou por chegar a um ponto culminante com o estabelecimento de duas novas e exemplares civilizações modernas: a democrática liberal, modelado nos Estados Unidos, e o socialismo com seu modelo na União Soviética. No entanto, quando se volta para a sua produção intelectual durante os anos 1930, Evola, que nunca entrou para o Partido Fascista, na verdade, ele criticou o regime fascista logo após a Marcha sobre Roma, e continuou sendo crítico de Benito Mussolini e da Alemanha nazista na década de 1930, devido à sua natureza populista, preferiu uma interpretação tradicionalista da política ou, melhor, a atualização de uma visão da direita conservadora do mundo inspirada por ideais aristocráticos, monárquicos e militares.

Entrevista com Julius Evola feita por Franco Rosati em 1967:

Na minha fase anterior, pensei para formular uma doutrina de corrida que teria impedido o racismo alemão e italiano vai acabar em uma espécie de "materialismo biológico". Meu ponto de partida foi à concepção do homem como consistindo de corpo, alma e espírito, com a primazia da parte espiritual da parte do corpo. A questão racial foi, portanto, pedir para cada um desses três elementos. Daí a possibilidade de falar de uma corrida do espírito e alma, assim como a raça biológica. A oportunidade desta formulação é que uma corrida pode degenerar, mesmo enquanto biologicamente pura, se a parte interior e espiritual está morto, diminuída ou obscurecida, se ele perdeu a sua força, como acontece com certos tipos de corrente nórdicos.⁸

Enquanto Evola descreveu o mundo ocidental em termos pessimistas, como no declínio, ele foi mantido à distância por oficiais fascistas. Duas tendências ideológicas predominaram no regime de Mussolini, ambas apoiaram a modernidade e o progresso,

⁷ GHIO, 2008: 23

⁸ ROSATI: 1967

embora de maneiras diferentes, vistos com desconfiança pela liderança fascista, Evola continuou a ser um expoente solitário e radical da direita fascista, com uma visão tradicionalista do mundo. Até o final da década de 1930, a teoria de Evola sobre raça e semitismo levou a três ensaios sobre o fim dos anos 1930 e início dos anos 1940, por volta da época das Leis da Raça da Itália, em 1938, os seus artigos foram publicados em *La difesa della razza*, um periódico inteiramente dedicado a temas raciais, editado por *Telesio Interlandi*, uma intransigente fascista, racista e antisemita.

Na Itália, Evola lançou o que chamou "totalitário" ou o racismo "tradicional", inspirado pelo livro de Ludwig Ferdinand Clauss, *Rasse und Seele*, de acordo com esta doutrina, raças superiores eram compostas de pessoas com propriedades biológicas específicas, de acordo com o racismo antropológico, mas o povo, ao mesmo tempo, com características espirituais, homens capazes de mostrar um caráter forte, capaz de governar-se e dominar suas próprias paixões e que naturalmente seguia os valores da tradição, Evola pretendia que este racismo totalitário fornecesse diretrizes para a seleção de uma super raça capaz de dominar o mundo, uma combinação da raça ariana-alemã e romana.

Os judeus foram estigmatizados e não como representantes de uma raça biológica, mas como os portadores de uma visão de mundo, uma maneira de ser e de pensar, um espírito que correspondeu a pior e mais decadente característica da modernidade: democracia, igualitarismo e materialismo. O racismo "totalitário" ou "espiritual" de Evola não era mais leve do que o racismo biológico nazista.

Julius Evola em entrevista dada para Franco Rosati em 1967:

Por outro lado, a ser chamado de "arianos", no sentido pleno da palavra, não é necessário ter a menor gota de sangue judeu ou de uma raça de cor; devemos primeiro examinar o que a verdadeira "pista interna", ou seja, o conjunto de qualidades que originalmente correspondiam ao ideal do homem ario. Tive ocasião de declarar que, até hoje, não devemos insistir muito sobre o problema judaico; na verdade, as qualidades que dominaram e dominam hoje em diferentes tipos de judeus são muito evidentes em tipos "arianos", sem levar em conta estes aspectos podem ser invocados como circunstância atenuante o hereditário mínimo⁹.

⁹ROSATI,1967

Na verdade, implicava consequências muito maiores porque discriminava não só contra os judeus, mas todos os representantes do mundo ocidental moderno. A ambição de Evola era elaborar uma versão italiana do racismo e do antissemitismo, que poderia ser integrada no projeto fascista para criar um novo homem. Colocado em um contexto italiano, o racismo totalitário de Evola deveria contribuir para um o processo de purificação que precederia esse novo tipo de ser humano. Até o final da década de 1930, Evola foi totalmente comprometido com o engajamento político. Por sua vez, Mussolini ficou fascinado pelo racismo "espiritual" de Evola.

Evola passou os anos seguintes dando discursos na Alemanha, mesmo que ele fosse, na verdade, tolerado apenas por Heinrich Himmler, um dos principais líderes do Partido Nazi (NSDAP), e geralmente considerado um "visionário fanático" ou um "utópico" pelos líderes nazistas. Julius Evola em entrevista dada para Franco Rosati em 1967:

Quanto a Hitler, devemos fazer reservas na medida em que sua concepção de império foi fundada sobre o mito do Povo (Volk = Pessoas-race), conceito que cobria um aspecto da coletivização e exclusivismo nacionalista (etnocentrismo). Foi apenas no último período do Terceiro Reich que os pontos de vista alargaram, por um lado, graças à ideia de uma Ordem, defendida por certos círculos da SS, sobre os outros, graças à unidade internacional das divisões europeias de voluntários que lutaram frente oriental.¹⁰

Em setembro de 1943, Evola, juntamente com Giovanni Preziosi, Roberto Farinacci, Alessandro Pavolini e Renato Ricci estavam entre a festa de boas-vindas e saudação a Mussolini, isso serve para confirmar o quanto Evola estava perto de liderar os círculos fascistas durante a guerra. No entanto, ele manteve sua distância da *Repubblica Sociale Italiana* (RSI), 1943-1945, e mais tarde expressou apenas desprezo pela experiência, que ele considerava demasiado esquerdista. Após a ocupação de Roma pelos aliados, ele se mudou para Berlim e depois para Viena, onde estudou documentos confiscados da maçonaria e documentos judaicos prestados por funcionários da SS.

¹⁰ ROSATI, 1967

Em 1945, Evola fica parálítico devido ao acidente ocorrido durante um bombardeio Soviético em Viena, no entanto, naquele tempo, uma nova fase intelectual em sua vida tinha começado, uma fase estreitamente ligada à transição da Itália do regime fascista para o neofascismo emergente durante a Guerra Fria. Ainda no hospital, em 1948, Evola recebeu a visita de um grupo de jovens neofascistas, eles tinham sido soldados voluntários de *Salò de Mussolin*, República Social Italiana de Benito Mussolini.

3. A VIDA E OBRA DE JULIUS EVOLA

O presente capítulo vai abordar a vida do Barão Giulio Cesare Andrea Evola. Conhecido por Julius Evola, o autor nasceu em Roma no dia 19 de maio de 1898, em uma família siciliana antiga e origem nobre. Mas, apesar de nascido em uma família de nobres, sobre a infância e adolescência pouco ou nada se sabe. Será abordada a trajetória da vida adulta de Julius Evola, mas também o capítulo busca abordar de forma bem concisa algumas obras produzidas por Julius Evola. A trajetória de vida associada aos seus escritos nos permite compreender o porquê deste autor ter se tornado uma grande influência dentro do movimento fascista.

Julius Evola recebeu uma rigorosa educação católica, contra a qual se revoltou. Mais tarde, após longa fase em que o ódio contra o Catolicismo que só não era maior do que contra o judaísmo, o protestantismo e aquilo a que considerava o “*cristianismo das origens*”, Evola reconhecera o caráter tradicional do Catolicismo autêntico¹¹.

No Asiago, na Itália, local onde existem montanhas próximas, foi o local onde Julius Evola começa suas meditações, o seu amor por montanhismo. Pouco se sabe da sua juventude e as informações são escassas, todas derivam da autobiografia, *O Caminho de Cinábrio*. Ainda bastante jovem, depois da fase dos romances e aventuras, Evola – como relata em *O caminho do cinábrio*, sua autobiografia espiritual – planejou compilar uma história da Filosofia. Nesta época, atraído por autores como Oscar Wilde e Gabriele D’Annunzio, tomou contato com a obra de pensadores como Friedrich Nietzsche, Carlo Michelstaedter e Otto Weininger, que muitos contribuíram para a formação de sua cosmovisão¹².

Os estudos universitários em Engenharia Industrial não foram concluídos por se recusar a discutir a tese de conclusão de curso, nutria ódio por títulos acadêmicos. Evola cultivava interesse pela Literatura vanguardista italiana em torno de intelectuais como Giovanni Papini, Giuseppe Prezzolini e Filippo-Tomaso Marinetti Papini. Nesta época, ainda não se havia convertido ao Catolicismo. Foi fundador, diretor e principal

¹¹ BARBUY, 2009

¹² BARBUY, 2009

colaborador das revistas *Il Leonardo*, *Voce* e *Lacerba*. Com sede em Florença e ideais autenticamente revolucionários, agitaram toda a Itália dos primeiros anos do século XX, constituindo, segundo Evola, “forças alérgicas ao clima da Itália burguesa daqueles tempos” e cuja erupção marcou um verdadeiro *Sturm und Drang*¹³ que conheceu a Nação Italiana¹⁴.

Foi nesta época que Evola se aproximou do movimento literário conhecido por Futurismo, passando a manter relações pessoais com alguns artistas, tais como Marinetti e o pintor Giacomo Balla. Porém, profundas diferenças separavam Evola dos futuristas.



Julius Evola. Fonte: Site Julius Evola.Net. 1918

Evola mais tarde se tornou o pintor dadaísta mais importante da Itália e alguns de seus trabalhos ainda estão em exposição no Museu Nacional de Arte Moderna, em Roma.

Por volta de 1921, Evola havia abandonado a senda artística como meio de dar sua marca singular ao mundo. As atitudes revolucionárias de Marinetti, do movimento futurista e do assim chamado avant-garde que outrora o fascinaram, não mais pareciam dignas a Evola com sua ênfase juvenil em chocar a burguesia. Similarmente, apesar de ser um poeta talentoso, Evola (como outra de suas inspirações - Arthur Rimbaud) abandonou a poesia aos 24 anos. Evola não escreveu outro poema, nem pintou outro quadro por mais de quarenta anos. Assim, não mais apaixonado pelas artes, Evola escolheu ao invés buscar outro campo que um dia lhe renderia ainda mais aclamação¹⁵.

¹³ Movimento literário romântico alemão, que ocorreu no período entre 1760 a 1780.

¹⁴ BARBUY, 2009

¹⁵ TOYNTON, 2012



Pintura *Astrazione*. Fonte: Julius Evola.NET 1920

Na I Grande Guerra Mundial, Evola defendeu que a Itália deveria entrar no conflito ao lado dos Impérios Centrais (Império Alemão e Império Austro-Húngaro), enquanto os outros, bem como D'Annunzio e Mussolini, sustentaram que o país devia lutar ao lado da Tríplice Entente (França, Império Britânico e Império Russo), identificando os Impérios Centrais à tirania e à barbárie¹⁶. No ano de 1917, fica envolvido na 1ª Guerra Mundial como oficial de artilharia, mas quase nunca é envolvido em ações. Evola não esteve muito envolvido em ações militares significativas, mas regressa a Roma e os anos que se seguem será para ele como uma crise existencial dramática e decisiva.

Durante sua juventude ele também estudou engenharia, recebendo notas excelentes, mas escolheu descontinuar seus estudos antes do término de seu doutorado, porque ele "*não queria ser burguês, como os outros alunos*". Aos 19 anos, Evola se uniu ao exército e participou da Primeira Guerra Mundial, como oficial de artilharia de montanha. Essa experiência serviria como inspiração para seu uso de montanhas como metáforas para solidão e ascensão acima das forças tônicas da terra. Evola era também amigo de Mircea Eliade, que manteve correspondência com Evola de 1927 até sua

¹⁶ BARBUY, 2009

morte. Ele era também um associado do tibetólogo Giuseppe Tucci e do estudioso tântrico Sir John Woodroffe¹⁷.



Evola na 1ª Guerra Mundial - Fonte: Julius Evola.NET. 1915

Em 1921, Evola toma a decisão trágica de acabar com a vida, mas a leitura de um texto budista desencorajou-o. Julius Evola parou de pintar e passou a se dedicar à poesia. Evola sente a necessidade de alcançar uma percepção mais profunda e verdadeira da realidade, começa a usar drogas de alguma forma para apaziguar sua fome absoluta, mas agrava a situação tanto que chega a um beco sem saída, segundo o escritor Gustavo Bentadini (1960). Evola para com a pintura, e depois de 1922 também deixou de escrever poesia.

Publicada em 1926, nega qualquer dualismo entre Deus e a natureza, entre o homem e o mundo. As teorias de Evola sofrem influência da sabedoria tântrica, a realidade estaria ocultada pelo "*véu de Maya*", que engrossa, mas, uma vez removido o véu do olho, poderiam perceber que o universo inteiro é apenas uma expressão de si mesmo. Estes são os anos em que Evola começou a frequentar os círculos do espiritismo.

¹⁷ TOYNTON, 2012.

Segundo Toynton, de 1924 até 1926, Evola faz colaborações em revistas como *ultra*, *Bilychnis*, *Lgnis Atanor*. A partir de 1927, vira assunto no *eu amo-me consequentemente sou*, da escritora Sibilla Aleramo, com quem Evola teve um caso de amor tempestuoso. E vira o coordenador de uma série que sai em três volumes sob o título *Ciência Ego*.

Em 1928, no entanto, com o livro *Imperialismo Pagano*, Evola faz uma crítica violenta do cristianismo, livro lhe rendeu uma série interminável de problemas, o que mais tarde em sua maturidade, julga ser extremista, ou seja, um panfleto juventude.

O Cristianismo havia destruído a universalidade imperial do Império Romano pela insistência na separação entre secular e espiritual. É dessa separação que emergiu a decadência inata e interna do mundo moderno. A partir da oposição implacável do Cristianismo ao sadio paganismo do mundo mediterrâneo emergiu o secularismo, a democracia, o materialismo, o cientificismo, o socialismo, e o "bolchevismo sutil" que sinalizou a era final do atual ciclo cósmico¹⁸.

Entre 1927 e 1929, tem uma ligação com Giovanni Gentile, a colaboração de Evola na Enciclopédia *Treccani*, para Ungaretti e *l'Ermetismo*, em que Evola tem a oportunidade de apresentar um relatório ao Gentile algumas das suas posições também em questões filosóficas e críticas da civilização. A correspondência além mostrar o reconhecimento da experiência de Evola, segundo Gentile, no centro das ciências ocultas. A razão específica da correspondência foi publicada nas obras filosóficas, *Teoria e fenomenologia*, *Cartas para a Cruz*, o objetivo de compreensão, de modo que seja claramente distinguível de sectarismo e dogmatismo.

Em 1930, juntamente com outros amigos, incluindo Emilio Servadio, pai da psicanálise italiana, Evola cria *La Torre*, seu próprio periódico. No primeiro número está defendendo uma revolta radical contra a civilização moderna, o que desencadeou as reações mais brutais e violentas.

¹⁸ TOYNTON, 2012

La Torre foi atacada por corpos fascistas oficiais tais como L'Impero e Anti-Europa, e a publicação de La Torre findou após apenas dez edições. Evola também contribuiu um artigo chamado O Fascismo como Vontade de Império e o Cristianismo à revista *Critica Fascista*, editada pelo velho amigo de Evola Giuseppe Bottai. Aqui novamente ele lança uma oposição feroz ao Cristianismo e atesta a seus efeitos negativos, evidentes na ascensão de uma classe média pia, hipócrita e gananciosa carente de todas as virtudes solares superiores que Evola atribuía à Roma antiga. O artigo não passou despercebido e foi vigorosamente atacado em muitos jornais italianos. Ele foi também tema de um longo artigo no prestigioso *Revue Internationale des Sociétés Secrètes (Partie Occultiste)* de abril de 1928, sob o título *Un Sataniste Italien*¹⁹

Depois de experiência de La Torre, em 1934, aparece o trabalho fundamental e principal de Julius Evola: *Revolta Contra o Mundo Moderno*. Evola constrói uma espécie de morfologia da história, o livro é dividido em duas partes: a primeira é a doutrina espírito: a realeza, a lei, o estado, o império, o ritual e a nobreza, o início, o sistema de castas e a cavalaria, o espaço, o tempo, a terra e depois do sexo, guerra, ascetismo e ação. A segunda parte contém interpretação da história baseada no mito.

Evola, dadas as suas afinidades com o esoterismo, na sua invocação da tradição milenária vinda do alto, o seu estudo sobre a magia, não devia ser grandemente compreendido numa época dominada, essencialmente, pela controvérsia em torno do idealismo, e onde as atenções se centravam à volta de um filósofo de primeiro plano — Giovanni Gentile — que um sem número de intelectuais, dentro e fora do regime, atacava com fúria, enquanto outros o defendiam com entusiasmo²⁰.

Em 1938, Evola apresenta sobre o racismo e, para ele, a teoria é a herança da eugenia. Por tanto, são abjetos modernos, mas, por outro lado, ele não acredita que a “*promiscuidade comunista onde toda a diferenciação desaparece em um animal inteiro*”. Entre 1937 até 1941, ele estudou o problema do racismo, que já havia aplicado no início dos anos trinta. Ele escreveu dois livros *O Mito de Sangue* em 1937 e a *Doutrina da Raça* em 1941, publicado pela Hoepli. Segundo Romualdi, Evola, neste longo período pós-guerra, foi marcado indevidamente como racista.

¹⁹ EVOLA, 1930: 23

²⁰ BENTADINI, 1960: 55

Em 1940, a Itália está em guerra, o início da campanha contra a URSS. Evola pede para sair como um voluntário, mas a resposta é não, e a justificativa era estar filiado ao partido fascista.

Em 8 de setembro, Evola surpreende na Alemanha. Ele está entre os poucos com Preziosi, seu filho Vittorio e alguns outros, para acolher Mussolini, Skorzeny libertado do Gran Sasso, a sede do Hitler. Adere a CSR, ele adere monárquicos, aristocráticos e reacionários para uma república social. A contradição? Se evola não casar com os pontos de Verona, mas o espírito de legionários que, mesmo agora militarmente derrotados, permanece fiel a uma ideia, optando por lutar em posições perdidas²¹.

Toynton apresenta:

Em 1945 está envolvida em um bombardeio durante a caminhada na rua, Evola foi atingido por um estilhaço de bomba e paralisado da cintura para baixo. Evola é lançada por uma explosão, fica com lesão na medula espinhal causa paralisia dos membros inferiores. E então ele comenta sobre sua paralisia, como se fosse a de um outro. “*Nada mudou, tudo se resumia a um impedimento puramente físico que, além das dificuldades práticas e certas limitações da vida profana, pouco me tocou, minhas atividades espirituais e intelectual, embora não sendo de forma alguma afetados ou alterados*”.²²

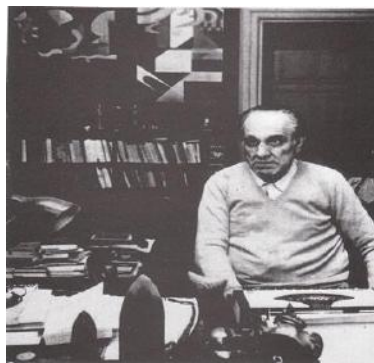
Em 1948, graças à Cruz Vermelha Internacional, Evola é transferido para Bolonha e vê isso como um teste de auto superação. No ano de 1953, Evola publicou *Os homens e as Ruínas*, o livro que era a tentativa de promover a formação de uma verdadeira rede de direita. Em 1958, por sua vez, também tinha lançado *Metafísica do Sexo* um livro entre os mais marcantes. Em 1961, em Paralelo com os *Homens e as Ruínas*, apela para o tipo de homem diferenciado que, apesar de não sentir que pertencem a este mundo por dentro, não tem intenção de ceder a ele nem psicologicamente. No ano de 1963 escreve para a editora Volpe um livreto intitulado: *Fascismo visto pelo direito contra toda exaltação*.

²¹ GHIO, 2008: 45

²² TOYNTON, 2012.

Em Corso, na Itália, Evola morava em uma casa alugada e sobrevive com uma pensão de guerra, tendo em vista a sua invalidez. Além disso, traduzia livros, escreveu artigos para diversos jornais, e recebia amigos e curiosos. Assim descreve Adriano Romualdi, no seu septuagésimo aniversário:

Quem foi ao encontro de um inspirador por Evola, um profeta, ou para ouvir julgamentos e ditos enigmáticas permaneceria decepcionado. Da mesma forma, aqueles que estão ansiosos para atitudes preciosos, procurado ou pelo menos remoto do comum vai encontrar não só um senhor de cabelos brancos, a figura - apesar da imobilidade forçada - ainda impressionante, o trato distinto e afável, o rosto curioso, inteligente, atenta. Mais do que um homem santo e um aristocrata, quase uma certa fineses de maneiras ancien régime, uma figura de filósofo do século XVIII e viajante no entanto.²³



Julius Evola em Roma, em 1969 - Fonte: Julius Evola. NET.

Em 1968, enquanto o seu pensamento se opõe nas universidades em virtude das ideias de Marcuse, Evola é atingido por uma insuficiência cardíaca aguda. A doença vai se repetir em 1970, Evola continua a escrever e permitir entrevistas. No entanto, perde forças, tem dificuldade para respirar e começa a contrair infecções.

²³ ROMUALDI, 1968:33



Julius Evola em Roma, em 1972. Fonte: Julius Evola.NET

Para o final de maio de 1974, ele se sente cada vez mais fraco, e cada vez mais consciente de que já não detém o processo físico. Pierre Pascal vai para prestar suas últimas homenagens, lembra que nos últimos dias de vida:

Eu disse a ele o desejo supremo de Henry de Montherlant: ser reduzida a cinzas pelo fogo, de modo que eles foram dispersos [...] tem a brisa, luz do Fórum, entre a Rostra e do Templo de Vesta. Então este homem, que estava na minha frente, relaxado, com belas mãos cruzadas sobre o peito murmurou baixinho, quase imperceptível: "Eu gostaria ... Eu coloquei Que o meu foram lançados a partir do topo de uma montanha."²⁴

Terça-feira, 11 junho de 1974, no início da tarde Evola, sentindo-se perto da morte e solicitou que fosse para Janiculum (monte Roma).

Ele morreu em 11 de junho de 1974 em Roma. Ele havia pedido para ser levado de sua cadeira à janela da qual se podia ver o Janiculum (a colina sagrada a Janus, o deus de duas faces que olha para este e para o outro mundo), para morrer em posição ereta. Após sua morte, o corpo foi cremado e as cinzas foram espalhadas em uma geleira no topo do Monte Rosa, segundo seus desejos.²⁵

²⁴PASCAL, 1948: 29

²⁵TOYNTON, 2012.

As cinzas, como conforme está escrito em seu testamento, foram entregues para o guia Eugenio Davi, seu parceiro de escalada. Em seu testamento foi solicitado que parte das cinzas fosse colocadas em uma fenda de Monte Rosa e a outra parte jogada ao vento.

3.2.A PERSONALIDADE DE EVOLA EM SUAS OBRAS

A personalidade de Julius Evola se reflete em suas obras. Com trinta e poucos anos, com considerável notoriedade na Itália, mesmo após a guerra, mesmo condenado ao ostracismo, suas publicações foram lidas por muitos jovens. Das obras produzidas com estilo realista e lúcido de Evola, o trabalho que mais tem influenciado a formação de seu pensamento foi definitivamente *Revolta Contra o Mundo Moderno*. Uma profunda análise crítica e inovadora sobre a civilização tradicional e princípios regressivos. Para Evola, ao escrever através dos mitos, símbolos e rituais das grandes tradições, se aprende sobre a ilusão e a relatividade de tantos ídolos e valores modernos. Além disso, é um retorno à visão clássica grega. Dentro uma perspectiva tradicionalista, o real significado de teoria racial descreve doutrina da raça própria. Partindo do princípio da divisão tripartida do ser humano em corpo, alma e espírito, são considerados os vários graus de estágio e raça. A esfera corpórea material, uma alma, um em última instância espiritual. A obra *Filosofia, ética e mística do racismo* apresenta que todas as raças e todas as pessoas são iguais. Sobre a obra Julius Evola concede entrevista dada para Franco Rosati em 1967:

Você acha que a moral e a ética são sinônimos e devem ter um fundamento filosófico? É possível fazer uma distinção, se por "moral" está devidamente definido como o traje para uma disciplina filosófica "ética" (que é chamado de "filosofia moral"). Em minha opinião, qualquer ética ou quaisquer necessidades morais para ter um fundamento filosófico de caráter absoluto, é ilusória. Sem referência a algo transcendente, a moralidade só pode ter uma extensão relativa, contingente, "social" e não pode resistir a um individualismo crítico, o existencialismo ou niilismo. Como demonstrei no meu livro, *Riding the Tiger*, no capítulo intitulado *No mundo onde Deus está morto*. Neste capítulo também abordou as questões levantadas por Nietzsche e existencialismo²⁶

²⁶ ROSATI, 1967.

Na época, tendo em vista existir um movimento "nacionalista" ou "fascista" entre as guerras ao mesmo tempo, entre os muitos movimentos que surgiram na época na Europa, o que causou tal fascínio e interesse. *Cartas para Mircea Eliade*, 1930-1954, Evola, ainda que incógnito e sob um nome falso, em alguns romances e contos, como nos outros personagens da narrativa, move-se em um universo noturno, quase de sonho, ainda separado da dimensão durante o dia, que pertence ao trabalho acadêmico do historiador das religiões.

O Caminho do Cinnabar, livro que originalmente era para ser chamado *O caminho de cinábrio*, com referências simbólicas e herméticas foi publicado pela editora Vanni Scheiwiller março 1963. Julius Evola em entrevista dada para Franco Rosati em 1967 fala da sua obra, *Caminho do Cinnabar*.

Eu, porém, tenho me esforçado para apresentar e promover o patrimônio tradicional da perspectiva de uma espiritualidade de "casta guerreira" e também para mostrar as possibilidades oferecidas pelo "caminho da ação". Uma consequência destes diferentes pontos de vista é que se Guénon toma como base para uma eventual reconstrução de umas tradicionais elites intelectuais europeus, tanto quanto eu estou preocupado, eu sou um pouco inclinado a falar de uma ordem. Divergem também os julgamentos que Guénon e eu damos ao catolicismo e a maçonaria. Creio, no entanto, que a fórmula não Guénon caiu dentro da linha do homem ocidental, que é, apesar de tudo, pela sua natureza, especialmente orientado para a ação.²⁷

Em *A doutrina do despertar*, obra é como um antídoto para o clima psíquico, irracional e caótico do mundo. O autor, no entanto, ao mesmo tempo continua descrevendo o Budismo com uma exposição sistemática baseada diretamente em textos. *Na Revolta contra o mundo moderno*, considerado a sua obra mais importante, concluído no final de 1931 e início de 1932, Evola remonta as causas que produziram o mundo atual e mostra os processos que tenham exercido uma ação destrutiva de cada valor, a forma ideal e superior de organização da existência. O livro, portanto, não se limita a uma descrição da crise do mundo moderno, mas não se esgota em uma controvérsia, uma vez que com um estudo comparativo abrangendo as civilizações mais variadas. Quase 80 anos após a publicação de Julius Evola, *Na Revolta Contra o Mundo*

²⁷ ROSATI, 1967

Moderno, o livro, que foi publicado pela primeira vez em 1934, teve várias edições e reimpressões na Itália e no exterior. Para muitos, Evola, teve postura demagógica, deseja apenas um retorno a uma nobreza moral restrita.

O livro *O Terceiro sexo e a democracia* é uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Autor: Julius Evola, *The Borghese*, 01 de agosto de 1968.

Em sexologia são distintas duas formas da homossexualidade, uma congênita-constitucional, a outra adquirida e caráter condicionado fez sociologia e ambiental. A primeira homossexualidade é explicada pelas "formas sexuais intermédios" (para usar a expressão de M. Hirschfeld). Ambos sabem que, inicialmente, no feto e embrião estão presentes ambos os sexos. Só mais tarde intervém um processo de graças "sexagem" para que os personagens do sexo da ONU se tornam dominantes, enquanto as do outro atrofia sexo ou tornar-se dormente, mas não desapareceram completamente. Há casos em que esse processo de desenvolvimento sexual é incompleta, em seus aspectos físicos ou mentais. Em seguida, é possível que erótica que a atração que via normal baseia-se na polaridade dos sexos (heterossexual) e que é tanto mais intensa quanto mais firmemente essa polaridade, isto é, tanto quanto o homem é homem e mulher é mulher ao nascimento entre os indivíduos que por nascimento, mas não constitucionalmente, são do mesmo sexo, precisamente porque na verdade eles são "formas intermediárias"²⁸.

A obra intitulada de *A religiosidade do Tirol* aborda a relação mágica ou religiosa sobre a vida: o imaginário dita suas ordens sejam orientando as pressões internas ou permitindo as satisfações psíquicas. Julius Evola, em o regime fascista, 07 de novembro de 1936.

Lembramo-nos de uma cerimônia celebrada, não sabemos para o que ocasião. A igreja tinha a aparência de uma implementação real. Direito dos homens, mulheres à esquerda, um para o outro em traje tradicional e em perfeito alinhamento. No centro, uma espécie de representação social e militar, de pé, com bandeiras e faixas. Tudo acompanhado a razão dada por um corpo, mas reforçada por trombetas com um efeito singular, não sem, apesar das notas falsas, uma certa grandeza. No Tirol, há um grupo de casas, remotos e pequenas como ele é, que não tem a sua capela e anexado ou passo ponto de vista que não o crucifixo, constantemente arrumado cada vez que o vento ou tempestade derrubou ou prendê-lo via: quase como um convite silencioso

para transformar e integrar o que eu, como uma emoção estética simples, pode vir da contemplação da natureza sob a forma de um significado espiritual mais elevado, para não mencionar um símbolo esclarecedora.

Na obra *a paixão maoísta*, o Maoísmo aparece como parte de um movimento mais amplo no século XX do que foi chamado por Evola de "*revoluções burguesas com bandeiras vermelhas*", no Vietnã e Coréia do Norte. Para Evola, o Maoísmo é uma variante do stalinismo. A classe trabalhadora chinesa era pequena, mas cada vez mais radicalizado em uma onda de greves. Esta derrota encerrou o ciclo 1917-1927 de lutas que, incluíram além de Alemanha e Rússia, greves de massas na Grã-Bretanha, conselhos de trabalhadores no norte da Itália, grande efervescência e greves na Espanha, os "motins de arroz" no Japão, uma greve geral em Seattle, e muitos outros confrontos. Nesse sentido cabe aqui mencionar Julius Evola, em *The Borghese*, 18 de julho de 1968.

Aqui estão outros elementos do mito maoísta. Maoísmo confia no novo homem como o criador da história, vai se reunir contra a tecnocracia na qual convergem tanto a URSS e a América. A "revolução cultural" seria positivamente niilista, visaria uma renovação a partir do ponto zero. Todas essas palavras que não são. Primeiro de tudo, não é o homem que Mao adequadamente resolvida, mas para o "povo", "as pessoas, as pessoas sozinhas é a força motriz, o criador da história do mundo." O desprezo da pessoa, para que o indivíduo não é menos violento do que na primeira ideologia bolchevique. Ele está dizendo que a esfera privada, educação familiar, toda a vida com ele, os afetos e o mesmo (se não for reduzida à expressão mínima e a forma mais primitiva) está condenado ao ostracismo na China Vermelha. A integração (isto é, a desintegração) do indivíduo no "coletivo" a palavra de ordem. A famosa revolução cultural é, propriamente, uma revolução ante cultural. A cultura, no sentido ocidental e tradicional (mesmo chinês tradicional: lembre-se do ideal do confucionismo jen, que poderia ser traduzido como humanitária), isto é, como um heterônimo treinamento coletivo, é travada.²⁹

Tendo em vista as origens da questão judaica, que são muito antigas, variadas e às vezes também enigmáticas. O antissemitismo é um tema que tem acompanhado quase todas as fases da história ocidental. Mesmo no que dizem respeito à Itália, outros lugares resultaram nas formas mais diretas e irrefletidas de antissemitismo. O antissemitismo é caracterizado pela falta de visão verdadeiramente abrangente de instalações históricas. Assim, nas notas seguintes, vamos examinar a base real que pode

²⁹ EVOLA, 1968: 98

justificar uma atitude antissemita para Julius Evola, existiam três aspectos do problema judaico.

Na Itália, o problema judaico não é muito sensível: ao contrário do que é certo para outros países, especialmente os países Alemães, onde hoje, como todos sabem, desperta profunda antítese não só em uma localização ideal, mas também no social, e política. As últimas leis recentes inspiradas por Goring, segundo a qual, na Alemanha não é apenas o casamento entre judeus e não-judeus, mas também a mesma convivência é proibida e os judeus, ou aqueles que já estavam casadas com os judeus, são permanentemente excluídos da cada organização do estado nazista, marcar o resultado extrema dessas tensões.³⁰

O Estado, segundo Julius Evola, em sua obra *Fascismo visto da direita*:

O estado real - leva apenas dizer - não admite os partidos políticos de regimes democráticos e reforma parlamentar, que logo irão lidar, representou, sem dúvida, um dos aspectos positivos do fascismo, no entanto, a concepção de um "one-party" é um absurdo; pertencendo exclusivamente ao mundo da democracia parlamentar, a ideia de "party" irracionalmente só pode ser armazenado em um regime de oposição a tudo o que é democrático. Diga "partido", para outro lado, isso significa dizer parte do conceito de parte implica que de uma multiplicidade, para o qual o único partido seria a parte que quer se tornar o todo, ou seja, o lado que elimina o outro sem, por desta natureza em mudança e subir para um plano superior, precisamente porque continua a ser sempre considerada como uma festa. Ontem partido fascista da Itália, porque ele é um personagem tão institucional e permanente, portanto, representou uma espécie de Estado dentro do Estado, com o seu exército, a sua federal, o Grande Conselho e todo o resto, em detrimento da um sistema verdadeiramente orgânica e monolítica.³¹

De acordo com Evola, houve uma época em que éramos governados pela filosofia do Evangelho, em que o poder e a virtude divina da sabedoria cristã tinham se espalhado por todas as leis, instituições e a moral do povo, permeando todas as classes e as relações da sociedade civil. A religião instituída por Jesus Cristo floresceu em todos os lugares a favor dos príncipes e a proteção legítima dos magistrados, e a Igreja e o Estado foram felizmente unidos em concórdia e intercâmbio amigável de bons ofícios. O Estado, constituído desta maneira, de acordo com Evola, deu frutos importantes.

³⁰ ARENDT,2007: 34

³¹ ARENDT,2007: 36

Europa cristã subjugou nações bárbaras e mudou-os de selvagens a uma condição civilizada, passando da superstição a verdadeira adoração.

Para Souza:

Falando de forma simplificada, e sem querer entrar em problemas de delimitação histórica, para o mundo ocidental a Alta Idade Média é um período que se estende desde o século V, quando da queda de Roma, até o século XII. No que tange ao pensamento político, trata-se de uma época das menos estudadas. A muitos talvez pareça que nela quase nada existe digno de menção, além do nome de Aurélio Agostinho, que, aliás, ainda pertence propriamente ao período anterior. Um olhar mais detido haverá, porém, de constatar alguns fenômenos importantes e singulares³²

Este, então, é o ensinamento da Igreja Católica a respeito da constituição e do governo do Estado. Na medida em que nenhum deles contém qualquer coisa contrária à doutrina católica, e todos eles são capazes de garantir o bem-estar do Estado.

O Cristianismo surgiu no império romano, o estado tecnicamente mais bem organizado da Antiguidade, dispendo de corpo jurídico só igualado pelos estados modernos, que nele se inspiraram. Entretanto, alguns séculos depois, sobre as ruínas daquela instituição, desabrochou a Cristandade: em vez de uma monarquia, com o poder ciosamente centrado na figura de César, ergue-se um mundo estranho, sobre determinado pela religião, dentro do qual o bispo de Roma reivindica a soberania. Nesta mudança há dois aspectos fundamentais a serem considerados.³³

A Igreja considerava ilegal colocar as várias formas de culto divino em pé de igualdade com a “verdadeira religião”, mas não, por conta disso, condenava os governantes que permitiam o costume de cada tipo de religião, tem seu lugar no Estado. E, de fato, a Igreja costuma dar atenção séria que ninguém deve ser forçado a abraçar a fé católica contra a sua vontade, pois, como diz Santo Agostinho: "*O homem não pode acreditar no contrário do que de sua própria vontade.*". E cabe aqui mencionar Julius Evola em sobre *Fascismo visto da direita*.

³² SOUZA,1995:7

³³ SOUZA,1995:7

É, portanto, rejeitou a concepção desprovida de um Estado que deve ser limitada para proteger a "liberdade negativa" dos cidadãos como meros indivíduos empíricos", para assegurar um grau de prosperidade e relativamente pacífica vida em comunidade", em essência, refletindo ou seguir passivamente as forças da social e econômica concebida como os primários. Assim também é o oposto da ideia de uma burocracia pura de "serviço público", de acordo com a imagem ampliada do que pode ser a forma e espírito de algumas empresas privadas para puramente utilitária.³⁴

A essência da modernidade reside no desenvolvimento do novo sentimento de individualidade e o crescimento do comércio Europeu, que revelou que os seres humanos também desempenharam papéis como produtores, distribuidores, consumidores. Sobre a economia política, segundo Julius Evola em *Os homens e as ruínas*, ano de 1953.

A "confrontação total" é uma fórmula entrou em voga. Tomado em vários ambientes "em protesto", especialmente dos jovens, há aqueles que se inclinam a reconhecer válido. Neste, como em muitos outros casos, há pouca atenção a aprofundar as ideias. Contestação, de que? Ele diz que o "sistema", "sistema" sendo outra expressão tornou-se atual, relacionado a todas as estruturas e ideologias da sociedade e da civilização ocidental, com especial referência às formas mais avançadas da sociedade de consumo industrial e tecnologia, com as suas influências; para o qual, normalmente, eles só sabem pedir emprestado as ideias de Marcus e similares. Na verdade, querendo levar a sério, você deve falar, em vez da "civilização" e "sociedade moderna" em geral, o outro não sendo, destes, uma filial, um aspecto particular e, se necessário, para reduzir 'absurdo, por isso a sensação de um verdadeiro "confrontação total", deve ser uma revolta contra o mundo moderno. Dada a situação atual, devemos ver, no entanto, que, neste contexto, não se reduz a fantasias e agitação inútil.³⁵

No que se refere o serviço de Estado e burocracia, Evola menciona que uma das leis sociológicas mais importantes é a "lei de ferro" da oligarquia, todos os campos da atividade humana, todo o tipo de organização, será sempre conduzido por uma parte relativamente pequena, uma elite. Esta condição vai ter influência em todos os lugares, seja uma empresa, um sindicato, um governo, uma organização de caridade, ou um clube de xadrez. Em cada área, as pessoas mais interessadas e capazes, os mais adaptáveis ou adequados para a atividade, constituirá a elite dirigente.

³⁴ ARENDT, 2007: 39

³⁵ EVOLA, 1953: 76

As tentativas utópicas para formar instituições e sociedades isentas da “*lei de ferro*” foram vítimas dessa lei, quer se trate de comunidades utópicas, o kibutz em Israel, democracia participativa, durante a era da Nova Esquerda dos anos 1960, ou a vasta experiência de laboratório como costumava ser chamado que constituíam a União Soviética. O que se deve tentar alcançar não é o erradicar tais elites, mas fazê-las circularem. Será que estas elites circulam ou elas se enraízem? Para Julius Evola em *The Century of Itália*, 31 de março de 1953.

[...] normalmente, o funcionário público médio de hoje difere muito pouco do tipo geral do "vendedor de trabalho moderna"; na verdade, nos últimos tempos o estado " ter tomado precisamente a figura de um "grupo de empregados", que segue a outra no caminho das demandas sociais e salariais baseados agitações e até mesmo totalmente inconcebíveis - coisas graves em um estado real tradicional, inconcebível como um exército que em um dado momento você colocar em greve para tornar o Estado, entendido como um "empregador" sui generis, as suas necessidades. Na prática, hoje torna-se funcionários do Estado, quando não é capaz de iniciativa e não têm qualquer perspectiva melhor, tendo em conta um salário modesto, sim, mas "seguro" e continuamente, portanto, em um espírito mais de pequeno-burguês e utilitária.³⁶

Cabe mencionar, o conceito de Magia de Evola não se encaixa com o apoio de mais moderno, Evola realiza o que tem sido chamado de "avanço espiritual", um impetuoso superar o dualismo implícito na teoria de suas grandes e reconhecidos mestre. Em certo sentido, pode-se dizer que, para Evola, a verdade ou falsidade de idealismo pode ser decidida não por um ato intelectual, mas para uma realização concreta, aquele em que você tem que levar a magia ato por excelência, pelo qual a existência empírica é realmente transfigurada e resolvidos na divindade. Julius Evola em *Os homens e as ruínas*, cap. XI, Realismo - o comunismo – ante burguesia.

Tendo falado de intelectuais e realismo, que vai ser bom mesmo esclarecer um ponto. É mencionado que as simpatias de alguns intelectuais l o comunismo tem um caráter paradoxal, porque o comunismo despreza o tipo do intelectual como tal, de modo a que ele pertence essencialmente ao mundo da burguesia odiado. Agora, tal atitude também pode ser compartilhada por aqueles que pertencem para o lado oposto ao comunismo, uma vez que eles significam no mundo contemporâneo, pode ser contrário a qualquer

³⁶ EVOLA, 1953:76

sobrevalorização da cultura e da intelectualidade. Para tê-los por quase um culto, com eles para definir uma camada superior, quase uma aristocracia - l' "aristocracia do pensamento" isso seria verdade, legitimamente simplesmente forças anteriores elite e nobreza - é um preconceito característico de' época burguesa em seus setores humanistas e liberais. A verdade é que tal cultura e intelectualidade não são de que os produtos de clivagem e de neutralização em relação a uma totalidade. A partir do fato de que ele foi sentido, o ante dualismo teve um papel de destaque nos últimos tempos, o título de uma reação quase biológica que, no entanto, muitas vezes, seguiu a direção errada, ou, pelo menos, problemático. Mas não vou me debruçar sobre este último ponto. Nós já discutimos em outros lugares, falando de mal-entendido (1). Aqui não é apenas para enfatizar que há um além de ambos referência intelectualismo possível terceiro mandato de anti-intelectual ismo, para superar a "cultura" de entonação burguesa. Essa é a visão do mundo - em *Weltanschauung* alemão. A visão de mundo não é baseada nos livros, mas em uma forma interna e sobre uma sensibilidade carácter adquirido, mas inata.³⁷

Durante a vida, Julius Evola prestou particular atenção ao que estava acontecendo do outro lado do Atlântico, e, essencialmente por três razões: a primeira em causa a aversão à civilização do dinheiro e capitalismo. Julius Evola, em *Civilização*, março / abril 1974:

Esta antítese diz respeito às diferentes contribuições com que o elemento militar é comparado com o burguês, e, portanto, também o diferente significado e função diferente, que são reconhecidos no primeiro grupo de uma sociedade e um estado. A concepção das democracias modernas, intimamente unidos com as ideias de civilização capitalista do Terceiro Estado, que é o elemento principal na sociedade é composta do tipo burguês e da vida burguesa pacífica, a vida determinada pela preocupação física de bem-estar, riqueza, conforto. Aqui, o elemento militar é desprovido de significado político e, mesmo quando se reconhece a sua ética, a democracia não julgue desejável que essa ética se aplica a toda a vida de uma nação. Ele está convencido de que a "civilização" não tem nada a ver com a "triste necessidade" e "abate" inútil que é a guerra, e no primeiro andar devem ser as virtudes "cívica" e "social" com "progresso" e "humanitarismo, e não os "guerreiros"; o ideal de cultura é um liberal, restritos ao domínio intelectualismo. O que tem conexões com disciplina, guerras e armas é visto como materialista, como a antítese do pensamento, cultura e espiritualidade. De modo mais geral, parece que as democracias, apesar de o recrutamento universal, só toleram o tipo de "soldado", não o "guerreiro"; Soldado, quase no sentido de "o soldado" das tropas por qualquer cidade foram pagos porque você ocupá-los para fazer a guerra. Na verdade, nas democracias modernas, o militar deve simplesmente manter o serviço "de classe média" para continuar as intrigas "política por outros meios" a nível internacional, para defender "o agressor", e novas formas de assegurar mercados e matérias-primas todos ' a indústria e para a capital em busca de investimento. O elemento puramente guerreiro, heroico, não é considerado como um valor em si mesmo, em vez

que é justamente estigmatizada como "militarismo". Como na política, ele deve ser o domínio exclusivo dos políticos e partidos políticos.³⁸

O mau cristão, de acordo com Evola, colocou raízes profundas na sociedade europeia. Não só faz isso do ponto de vista da positivista, mas também num sentido metafísico, a adoração de ciência e tecnologia, segundo ele, uma consequência do cristianismo, e assim a nova religião do progresso.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes³⁹

Deus, para Evola, é apenas *"um fantasma quando não é gerado em nós mesmos e não em palavras, conceitos, fantasias ou bons sentimentos, mas com um movimento absolutamente concreto, só que pode dar uma certeza e sentido à sua vida"*. É o indivíduo que cria em si mesmo o princípio: a única alternativa para o teísmo é, portanto, o idealismo absoluto, que é mágica porque tem de transformar.

³⁸ EVOLA, 1974: 98

³⁹ GIDDENS, 1990: 38

4. A POLÍTICA ITALIANA NO PÓS-GUERRA E AS IDEIAS DE EVOLA

Em 1944 é fundado o *Fronte dell'Uomo Qualunque* (UQ), movimento da extrema direita que formou-se enquanto partido dois anos depois. No mesmo ano que fora garantido anistia geral os crimes praticados pelos pertencentes do Partido Nacional Fascista (PNF). Nos anos seguintes, a Democracia Cristã ganhou muitos adeptos, fazendo com que o movimento protagonizado pelo UQ perdesse força a partir de 1948. Outro movimento fascista nascia pouco depois, o movimento Social e Italiano (MSI) foi fundado em 1946 por Giorgio Almirante, que tentou camuflar sua ligação ideológica com o fascismo antes de 1945, apresentando-se como uma terceira via frente aos modelos de capitalismo e socialismo. Os jovens não estavam entusiasmados com as tentativas na Itália de revitalizar o fascismo. Obteve cerca de 2% dos votos nas eleições nacionais de 1948, na Câmara dos Deputados conseguiu seis representantes.

Até 1956 duas correntes dominavam o partido, um partido de esquerda, cujos representantes estavam preocupados com a democracia corporativa, as políticas sociais e a neutralidade da Itália na política externa, e uma corrente de direita moderada, pragmática, disposta a cooperar com o partido governista, a Democracia Cristã, desejosos de colocar a Itália na Comunidade Europeia e na OTAN. Ambas as alas da MSI estavam interessadas em mostrar respeito pelas novas regras democráticas adaptadas pela República Italiana. Porém, é considerado o grande movimento que articulava ações em forma de atentados e também uma tentativa de golpe em 1970.⁴⁰

4.2 A INTERPRETAÇÃO DE EVOLA DO FASCISMO COMO DIREITO TRADICIONAL

Rao apresenta “*Vários dos mais jovens neofascistas (Pino Rauti, Enzo Erra, Fausto Gianfranceschi, Primo Siena, Silvio Vitale, Roberto Mieville e Giulio Caradonna) rejeitaram ambas as correntes*”. A autora diz que estes jovens neofascistas “*procurou se apropriar e atualizar conclusões de Evola*”. A Segunda Guerra Mundial

⁴⁰PALLA, 1996, p. 140-144

foi à última tentativa desesperada pela Axis para restaurar os valores tradicionais na Europa contra os países aliados que optam pela modernidade. Fascinados pela filosofia de Evola, permaneceram ligados ao fascismo como um "*conceito geral*" ou como um conjunto universal de valores.

Rao diz que "*do diálogo com il Maestro durou até a morte de Evola, em 1974, toda uma geração de neofascistas italianos tinham visitado seu apartamento em Corso Vittorio Emanuele*". Evola era o ponto de referência muito importante para muitos jovens ingênuos e impressionáveis. A maioria não tinha mais de vinte anos e já tinha experimentado guerra e guerra civil.

Rao explica que Evola optou publicar nas novas revistas editadas por jovens neofascistas no período pós-guerra. Na década de 1950, Evola contribuiu com três artigos para *Imperium* (1950-1, 1954), um periódico que mesmo no título se refere a uma das palavras-chave mais importantes de Evola. Também teve artigos publicados em jornais neofascistas, como o *Meridiano d'Italiae La rivolta ideale*. Em 1964, Evola revisa e publica estes artigos como volumes individuais. Depois da Segunda Guerra Mundial, Evola estava convencido de que era necessário, de uma vez por todas, fornecer diretrizes ideológicas para que a geração mais jovem pudesse "aprender a estar entre as ruínas do mundo moderno". Exortou-os a mostrar a força e a coragem de "verdadeiros legionários que são capazes de escolher o caminho mais difícil", "aqueles que vão à guerra, mesmo sabendo que a batalha está perdida". Rao apresenta "*não há dúvida de que ele estava se referindo precisamente a esses jovens voluntários de Salò que agora estavam à procura de novos objetivos*". Evola diz que "*homens reais, foram os líderes verdadeiros, que eram capazes de comandar com autoridade natural que estavam a ser organizada como uma elite, não um partido, mas um movimento*". Cujos membros compartilhavam certo estilo e visão do mundo.

Rao cita que "*de 1945 a questão da raça desapareceu a partir dos escritos de Evola, no entanto, suas preocupações intelectuais permaneciam inalteradas, pessimismo antropológico, elitismo e desprezo pelos fracos*". A grande modificação do movimento fascista e neofascista consiste em entender que a doutrina da super raça aariana-romana foi simplesmente transformada em uma doutrina dos "líderes dos homens", ou "sociedade masculina", não mais com referência à SS, mas para os cavaleiros Teutônicos medievais ou os cavaleiros Templários. Os "homens de verdade"

na Itália de pós-guerra, segundo Evola, deveriam encarnar os ideais da Tradição, estes "soldados" iriam aprender sobre o fascismo uma ideia que, após a Segunda Guerra Mundial, Evola ainda se distingue do regime fascista.

Rao apresenta que para Evola o fascismo significou, em primeiro lugar, *Imperium*, ou seja, o conceito de autoridade e comando significa também direito, isto é, não o direito capitalista liberal que cuida de interesses ou classes individuais e não de plutocracia, mas um direito tradicional que tem suas raízes na civilização hierárquica, aristocrática e feudal. Foi uma atitude verdadeiramente antidemocrática que Evola estava defendendo, mesmo após a derrota do nazismo-fascismo, além disso, o fascismo, na interpretação de Evola, estava relacionado com a ideia de um estado orgânico que, dentro de determinadas hierarquias, permitia a responsabilidade individual. Evola foi fortemente contra a ideia de um "estado ético" para educar as massas, em vez disso, uma elite aristocrática era necessária, no entanto não necessariamente composta de aristocratas ou tecnocratas mais de "homens reais" que eram capazes de liderar. O elitismo profundo de Evola reflete-se em inúmeras citações de artigos de textos neofascistas derivados do filósofo, como os seguintes:

Portanto, é claro que uma ideia verdadeiramente revolucionária deve, acima de tudo, restabelecer o princípio espiritual dos poucos e dos melhores, e deve dar o comando a uma aristocracia de pensamento e de caráter, tanto na organização da esfera política como de A esfera econômica.⁴¹

Finalmente, o conceito de Evola sobre o Direito estava mais ligado à ideia de Nação, embora não definida em termos de território, etnia ou língua. Em vez disso, era um "mito qualitativo e antidemocrático", que prezam a mesma visão da vida e respeitar as mesmas regras internas. Portanto, deveria ser composto por todos aqueles que acreditam na Tradição e pertencem à mesma Ordem. Essa percepção de "nação" tornou-se especialmente popular entre os radicais de extrema direita europeia que, nas décadas de 1950 e 1960, não tinham nenhuma chance de ganhar poder em seus respectivos países e assim buscavam legitimidade estabelecendo contatos além-fronteiras.

⁴¹ FELICE, 1948: 33

4.3 DISCURSO FASCISTA DE JULIUS EVOLA E SUA INFLUÊNCIA

Julius Evola tinha sido uma figura importante da direita durante todo o período pré-guerra, separado e em alguns aspectos em desacordo com o Partido fascista, mas em um sentido "fascista" no sentido mais baixo do termo. Depois da guerra, e por pelo menos duas gerações de militantes de extrema-direita, ele se tornou algo como um guru, e inculcou neles suas opiniões sobre o papel da violência, embora assumindo publicamente uma postura menos extrema. Influenciados por ele, jovens viram-se como pertencentes a uma minoria dos "escolhidos" que se destacaram contra "o mundo da democracia e os princípios imortais". Sob sua influência, eles empreenderam uma série de ataques terroristas contra a sociedade. No julgamento desses jovens em 1951, os promotores ligaram a interação ideológica a ações terroristas. Evola foi, no entanto, deixado fora, os juízes concluindo que ele tinha apenas produzido opiniões baseadas em "uma atitude ética, heroica e espiritual".

Ao defender Evola como um escritor "apolítico", a referência é feita frequentemente ao trabalho *Ride the Tiger* de 1961, em que Evola declara que, confrontados com processos gerais de dissolução moral e política, a única atitude sensata implica um descolamento total de tudo o que é política hoje. No entanto, depois de 1945, como este artigo argumentou ter sido forçado pelo contexto político e alterou radicalmente o escrito. Porém, Evola apenas mudou a embalagem exterior, e não o núcleo interno da sua mensagem. Para Ontiveros, Julius Evola nunca foi fascista:

Julius Evola nunca foi fascista, mas tinha simpatias abertas para a variação do século passado com diferentes formas e tons, tentou afirmar soberana na história tanto contra o credo do Terceiro Estado e dos princípios "imortais" da Revolução Francesa de 1789 como o quarto estado da "massa sem rosto" do comunismo, *bolshevism* 1917 bovina aplicada a *mujiks* com o "método filantrópica" do Gulag. Tudo isto sem prejuízo de o respeito que ele me deve comunismo nacional e nacional - atual bolchevique. Eu sou um nostálgico do comunismo, a sua vontade de ferro de vencer, suas ações e seus epos heroico, independentemente da minha adesão ao comandante Fidel Castro, representando a honra do nosso Rei Don Felipe II.⁴²

⁴² ONTIVEROS, 2005

Evola forneceu orientações táticas para seus seguidores. Sua mensagem era fortemente política na medida em que se referia claramente a um contexto político existente que Evola queria derrubar. De fato, há um desenvolvimento na produção intelectual de Evola, desde uma visão utópica do mundo durante a década de 1930 até uma descrição mais realista da modernidade pós-guerra. Esta mensagem ganhou relevância na Itália do pós-guerra, onde o domínio das forças capitalistas e comunistas foi esmagador.

Conceitos de seu livro de 1953, *Gli uomini e le rovine*, desempenhou um papel central para a direita radical do pós-guerra. A tradição dos homens, o espírito legionário, a aristocracia, hierarquia, regras, elite, verdadeiros guerreiros políticos numa guerra santa, essas ideias ainda podem ser facilmente encontradas nos discursos de extrema-direita de hoje. Podemos questionar a influência de sua contribuição intelectual, como radical intelectual, teórico da Tradição, "racista espiritual", autor anti-igualitário, antiliberal e antidemocrático. É possível fazer uma distinção clara, qualquer pensamento intelectual nada mais do que é a transcrição teórica da possível ação política. Diante das leis raciais italianas no final da década de 1930 e das ações terroristas dos anos 1970 e 1980, a responsabilidade de Evola é histórica. Cabe ressaltar desde a década de 80, os movimentos fascistas e suas opiniões se desenvolveram uma rede mundial de sites e grupos de notícias para contornar a censura social contra a ideologia fascista, o racismo, a violência e o ódio expressos em seus textos on-line.

Durante as três últimas décadas do século XX, a sociedade assistiu a um recrudescimento da violência política e a ascensão de movimentos políticos que lembram ideias de extrema direita de acordo com muitos pesquisadores. Grosso modo, o cidadão que foi concebido em um Estado autoritário tem reflexo desta expressão em sua própria identidade histórica e cultural, se coloca como um indivíduo provedor de justiça.

São grandes os processos de mudança social e de modernização. Novos grupos sociais reivindicando uma integração que anteriormente negado ou aspirar a uma posição nova, mais funcional para os seus interesses e as suas expectativas. Este processo, nas sociedades industrializadas com altas taxas de participação política, historicamente resultou em uma expansão do conflito e numa aceleração da mobilidade que têm alterado o quadro regulamentar tradicional e que envolveu tomando posse de

papéis que antes eram reservados a outros setores pelos novos grupos sociais emergentes e um local diferente para todos os outros grupos sociais. Para Felice, este fenômeno é precisamente o que os alemães chamavam de mobilização, o deslocamento súbito e traumático de grupos sociais inteiros no que diz respeito à sua posição social tradicional, entram no movimento em busca de uma nova ordem para garantir uma nova reinserção satisfatória.

O fascismo é, para os alemães, de acordo com Félice, a forma política da mobilização das classes médias que inicialmente coexiste e conflitos com os movimentos políticos e ideologias que expressam outros processos de mobilizações paralelas nomeadamente no setor do proletariado industrial. Felice, ao longo do cume de interpretação, "reação" e "revolução" são, portanto, misturado na experiência histórica concreta do fascismo europeu entre as duas guerras, no entanto, ajudando a criar regimes que assumiram as características de uma das respostas possíveis às contradições da sociedade moderna. Colocando assim, o fascismo na modernidade, definindo-a como uma forma moderna específica de autoritarismo que durou todo o século XX e adentra o século XXI. Ainda em acordo com Felice, o fascismo, com seus novos mitos políticos tecido de ativismo, o espiritualismo anti-materialista, o fanatismo nacionalista e exaltação da força, ele não representa um retorno ao passado, mas sim outro modo de variação da modernidade, totalmente inesperado até o final do século XIX.

A ideologia do fascismo não foi instrumento falso de um movimento e um regime subserviente a um grande negócio, é o quadro ideal em que a nova entidade social constituída pelas classes médias definidas, como uma alternativa a outras classes. O socialismo e o liberalismo foram juntos rejeitados, justamente pela nação assumir o caráter de um lugar simbólico. Felice apresenta ainda que concorrência e luta de classes, o estatismo autárquico e o corporativismo constituíram as coordenadas através do qual foi criada uma sociedade de não-confronto. A autonomia dos sujeitos sociais se transfigurou na representação institucionalizada de interesses, sob os auspícios de um Estado "ético", o guardião e promotor do "propósito maior" da nação frente às pessoas que tiveram seu ato de nascimento da experiência da segunda Grande guerra mundial. Felice diz que essa "nova ordem" não tinha haver com as sociedades pré-modernas tradicionais, porque assumiu ser irreversível a massificação da sociedade e que visa, por meio de uma espécie de nacionalização autoritária, fornecer uma resposta original à

questão da integração social das novas classes, que são produtos da industrialização social e modernização, foi o problema crucial do mundo contemporâneo e da qual o pluralismo democrático e do modelo soviético constituíram as alternativas.

Para Felice, o fascismo foi uma resposta aos desafios da modernidade da década de trinta, porém antes do colapso da economia capitalista em 1929. Da mesma forma, a palavra fascismo em si veio para substituir e descrever qualquer modelo de sistema político autoritário, tornando-se uma abreviação emotiva para as nossas condenações de estatismo, através da polícia, e os ataques contra as liberdades civis em geral. Podemos e devemos reconhecer o fascismo italiano como um fenômeno único, ao mesmo tempo compreendê-lo como uma das muitas reações anti-iluminismo, porém ao passo que também contra o liberalismo vigente durante o início do século XX.

5. CONCLUSÃO

Julius Evola, por sua defesa da restauração da Sociedade Tradicional, merece ser recordado pela defesa da ideia transcendente de *Imperium*, que jamais se poderá existir sobre a base de fatores econômicos, militares, industriais, e mesmo ideais. Tendo a consciência de que nada de grande e belo pode existir fora da Tradição e de que, como preleciona Heidegger, “*não é na vida banal, mas na audácia angustiosa do Herói que repousa a grandeza final do existir humano*”.

No presente trabalho foi abordado a vida de Julius Evola e suas ideias que influencia vários movimentos recentes fascistas, que por sua vez representa uma contínua evolução do fascismo do início do século XX. No primeiro capítulo foi apresentado o nascimento da cultura fascista que resultou no regime político liderado por Mussolini. Evola que, neste contexto era um estudioso das questões étnicas, a partir de 1938, se firmou predominante no Fascismo italiano, até então majoritariamente antirracista. Foi apresentada também a relação da ideologia fascista de Evola com o tradicionalismo e o racismo, que está presente em obras como *Aspectos do problema hebraico* (1936), *O mito do sangue* (1937), *Diretrizes para uma educação racial* (1941) e *Síntese da doutrina da raça* (idem), bem como em diversos artigos publicados na revista *La difesa della razza*, dirigida por Telesio Interlandi⁴³.

No segundo capítulo, foi abordada a vida de Barão Giulio Cesare Andrea Evola, conhecido como Julius Evola. Julius Evola nasceu em Roma, em 19 de maio de 1898. Nunca gostou de falar de sua família de origem, a infância e adolescência na verdade pouco ou nada se sabe. Porém, Evola sempre esteve preocupado em preservar suas memórias, morreu em 11 de junho de 1974 em Roma. Foram abordadas também as obras literárias de Julius, tinha o domínio profundo de muitos domínios da cultura: foi tradutor, ensaísta, artista, filósofo.

No terceiro capítulo foi abordado o fascismo enquanto ideologia política de movimento de massas. Durante as quatro últimas décadas do século XX, a violência

⁴³ LAMENDOLA, 2009

política e a ascensão de movimentos políticos que lembram ideias de extrema direita.
Por tanto, Evola permanece sendo recorrentemente revisitado por esses.

6. FONTES

6.1 Artigos

EVOLA, Julius. *Vita Nova (1925-1933)*. Roma: Lami, 1999.

_____. *Imperialismo Pagano: Il fascismo dinnanzi al pericolo euro-cristiano*. Ed. 4ª. Ed. Mediterranee. Roma. 2004.

_____. *O Borghese, 01 de agosto de 1968*. Disponível em: <<http://www.centrostudilaruna.it/terzo-sesso-e-democrazia.html>>. Acesso em: 21.12.2016.

_____. *Y la magia*. Disponível em: <<http://www.juliusevola.it/risorse/default.asp?cat=ART>> acesso em 23.12.2016.

_____. *Arte abstracta, posição teórica*. Roma, Camisola e Strini, 1920.

_____. *As palavras obscurecer du paysage intérieur* (em francês), Roma-Zurique, Coleção Dada, 1921.

_____. *Ensaio idealismo mágico*. Todi-Roma, Atanor, 1925.

_____. *O indivíduo e o devir do mundo*. Roma, Biblioteca de Ciências e Letras, 1926.

_____. *Homem como o poder*. Todi-Roma, Atanor, 1927a.

_____. *Absoluta Teoria indivíduo*. Turim, Bocca, 1927b.

_____. *Imperialismo pagamento*. Todi-Roma, Atanor, 1928.

_____. *Fenomenologia do indivíduo absoluta*. Turim, Bocca, 1930.

_____. *A tradição hermética*. Bari, Laterza, 1931.

_____. *Máscara e face da espiritualidade contemporânea*. Turim, Bocca, 1932.

_____. *Revolta contra o mundo moderno*. Milano, Hoepli, 1934.

_____. *Três aspectos do problema judeu*. Roma, Mediterrâneo, 1936.

_____. *O Mistério do Graal*. Bari, Laterza, 1937a.

- _____. *O Mito do sangue*. Milano, Hoepli, 1937b.
- _____. *Endereços para uma educação racial*. Nápoles, Conte, 1941.
- _____. *Síntese da doutrina da corrida*. Milano, Hoepli, 1941b.
- _____. *A doutrina do despertar*. Bari, Laterza, 1943.
- _____. *The Yoga of Power*. Turim, Bocca, 1949.
- _____. *Diretrizes*. Roma, Imperium, 1950.
- _____. *Men e ruínas*. Roma, Edizioni Machado, 1953.
- _____. *Metafísica do sexo*. Todi-Roma, Atanor, 1958.
- _____. *L " trabalhador 'no pensamento de Ernst Jünger*. Roma, Armando, 1959.
- _____. *Riding the Tiger*. Milão, Vanni Scheiwiller, 1961.
- _____. *O caminho de cinábrio*. Milão, Vanni Scheiwiller, 1963a.
- _____. *Fascismo. Ensaio de uma análise crítica do ponto de vista correto*. Roma, Fox, 1963b.
- _____. *O arco e o clube*. O Milan, Vanni Scheiwiller, 1968.
- _____. *Raaga Blanda*. Milão, Vanni Scheiwiller, 1969.
- _____. *Taoísmo*. Roma, Mediterrâneo, 1972.
- _____. *Reconnaissance. Homens e problemas*. Roma, Mediterranée, 1974.

6.2 Sítios da Internet

BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Julius Evola e o "Tradicionalismo Integral*. Publicado em dezembro de 2009. Disponível em: <<http://encontronacionalevoliano.com.br/?p=13>> Acesso em fevereiro 2017.

BATISTA, Creomar. *O Quarto Caminho*. Disponível em:<<http://ruminandocoisas.blogspot.com.br/search/label/Julius%20Evola>>. acesso em:14.11.2016

BENOIST, Alain de. *Julius Evola*. Disponível em:<<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=346>>. acesso em 20.12.2016.

BOLETIM EVOLIANO. N° 0. 2007. Disponível em <<http://boletimevoliano.causanacional.net/BE00.pdf>>. Acesso em 20/01/2017.

BOLETIM EVOLIANO. N° 1. 2007. Disponível em <<http://boletimevoliano.causanacional.net/BE01.pdf>>. Acesso em 20/01/2017.

BOLETIM EVOLIANO. N° 9. 2ª série. 2014. Disponível em <[http://boletimevoliano.causanacional.net/BE09\(02\).pdf](http://boletimevoliano.causanacional.net/BE09(02).pdf)>. Acesso em 20/01/2017.

CARVALHO, Olavo de. *Livros que fizeram a minha cabeça*. Publicado em setembro de 2009. Disponível em <www.olavodecarvalho.org/textos/livros.htm>. Acesso em Março de 2017.

FERRAZ, Francisco. *Carta de George Orwell sobre porque escreveu "1984"*. 2015. Disponível em <<http://www.politicaparapoliticos.com.br/index.php/detalhe-noticia/762664/carta-de-george-orwell-sobre-porque-escreveu-1984->>. Acessado em 20/12/2016.

GENTILE. *Centro de Estudos Italianos Giovanni, Julius Evola*. Disponível em: <<http://centrodeestudosgiovannigentile.blogspot.com.br/search?q=EVola>>. acesso em: 14.11.2016

_____ *La libertad de evola*. 2008. Disponível em: <<http://www.juliusevola.it/risorse/default.asp?cat=ART>> acesso em 23.12.2016.

JUNGES. Fórum, n. 9. Entrevista *Marcois Ghio, diretor do Centro de Estudos Evolianos*. Disponível em: <<http://www.regin-verlag.de/index.php?jungesforum>>. Acesso em 23.12.2016.

LAMENDOLA, Francesco. *Alcuni aspetti del pensiero filosofico di Julius Evola*. Publicado em 2009. Disponível em: http://www.ariannaeditrice.it/articolo.php?id_articolo=13742.

ONTIVEROS, José Luís. *O trigésimo aniversário da sua morte: Julius Evola e crítica ao fascismo*. Disponível em: <<http://www.juliusevola.it/risorse/template.asp?cod=293&cat=ART&page=8>>. acesso em: 25.12.2016.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 226.

RANQUETAT Jr., César. *O Pensamento de Julius Evola no Brasil*. Disponível em: <<http://legio-victrix.blogspot.com.br/2012/05/o-pensamento-de-julius-evola-no-brasil.html>> acesso em: 13.11.2016.

SENTINELA. O. *Mídia crítica, história alternativa*. Disponível em: <<http://osentinela-blog.blogspot.com.br/2016/07/julius-evola-os-anjos-caidos-e-origem.html>> acesso em: 12.11.2016

ROSATI, Franco. *Um pessimismo justifica?* Disponível em: <<http://www.juliusevola.it/risorse/template.asp?cod=177&cat=INTER&page=3>>. Acesso em 23.12.2016.

TOYNTON, Gwendolyn. *Vida e Obra de Julius Evola*. Disponível em: <http://legio-victrix.blogspot.com.br/2012/07/vida-e-obra-de-julius-evola.html> Acesso em: 11.11.2016.

7. BIBLIOGRAFIA

ARENDR, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BARBUY, Heraldo. *Cristianismo e angústia*. In BARBUY, Heraldo. O problema do Ser e ensaios. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1984.

BENTADINI, Gustavo. *Dal`attualismo al problematticismo, La Scuola*. Roma: Brescia, 1960.

BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália Fascista*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

FELICE, Fabio de. "Selezione", *La Sfida* . vol. 1, 1948.

FELICE, Renzo De. *Mussolini*, 4 vols. 1965-1997 - (Turin, 1965–97).

GHIO, Marcos. *Más allá del fascismo*, ediciones Hércules, 2ª edição, 2006.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

PALLA, Marco. *A Itália fascista*. São Paulo: Ática, 1996.

PASCAL, Pierre. *Mussolini Alla Vigilia Della Sua Morte*. Roma: Ed. L Arnia, 1948.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RAO, Nicola. *Neofascista*. Ed. Seventh Seal-Europe Lib. Ano 1999

ROMUALDI, Adriano. *Julius Evola: o homem e seu trabalho*. Ed Fox, Roma, 1966.

SENTINELA, O. *Mídia crítica, história alternativa*. Disponível em: <<http://osentinela-blog.blogspot.com.br/2016/07/julius-evola-os-anjos-caidos-e-origem.html>> acesso em: 12.11.2016

SOUZA, José Antônio de C. R. de (org.). *O reino e o sacerdócio: o pensamento político na Alta Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.